

Com mais de 40 anos de carreira, Luís Alberto Bettencourt já lançou 11 álbuns “Há uma certa vontade de voltar aos palcos porque não faz sentido criar música para ficar só para nós”

No passado dia 9, o músico e compositor Luís Alberto Bettencourt lançou o álbum “Em Busca do Sol”. Este seu novo projecto, que é possível encontrar nas plataformas digitais, “reflete a sua universalidade na abordagem do seu modo de sentir, relevando múltiplas ‘fotografias da alma’, onde o amor emerge num sentido de pura contemplação e alerta”. Não há dúvida que o seu trabalho faz com que seja um dos compositores contemporâneos mais credenciados e divulgados do arquipélago. Luís Alberto Bettencourt confessa que procura sempre “a possibilidade de expandir a sua música” e que tem saudades de subir aos palcos. O Diário dos Açores esteve à conversa com o músico micalense para falar sobre o seu novo álbum, mas também da situação em que a cultura se encontra actualmente na Região.

POR RITA FRIAS

Diário dos Açores - Como surge este novo álbum? Fale-nos sobre o mesmo.

Luís Alberto Bettencourt - Nasceu quando menos esperava. Ou seja, considerando e atendendo à situação que andávamos a viver, a limitação absoluta da nossa liberdade através do último ano e também deste ano, tudo isto obrigou-me a reflectir e a pensar como poderia suavizar os meus momentos de cativo no tempo que a situação me obrigou. De facto, gosto muito de escrever e fui escrevendo uns temas no estilo de consolação e alento no sentido de um certo positivismo num futuro próximo. Sei que esta situação roubou a liberdade, mas não roubou a esperança.

Fui escrevendo uns textos, geralmente à noite, e quando dei por mim, comecei a pensar que afinal tudo aquilo que tinha escrito poderia resultar em música. Fui construindo canções baseadas em temáticas variadas. No primeiro tema do disco “Não leves a mal”, há uma frase em que digo “este mundo gira ao contrário, está a dar cabo de mim”: isto significa que no mundo em que escrevi, em que estávamos a viver e ainda continuamos a viver, encontrava-me um pouco desanimado. Há outros temas onde falo de abordagens diferentes, com temáticas diferentes. Sou um fiel admirador de compositores brasileiros e às tantas, decidi escrever uma homenagem a Tom Jobim, um compositor que ouço muito. De resto, onde me sinto melhor a escrever é o amor no sentido universalista e também alguns temas de amor. Julgo que é um trabalho diversificado com vários sons e várias harmonias à simbiose, à junção dos textos revestidos de música.

Devo dizer que, humildemente, não estou mais virado para a vertente do rock, embora o rock tenha sido a minha grande inspiração. Mas acho que sou, acima de tudo, um construtor de canções, de sons diversos, de tonalidades diversas. Isto porque não me sinto preso a uma corrente musical propriamente dita, a uma fidelidade sonora. Gosto de variar conforme a minha consciência e acima de tudo o que a minha alma me dita porque aquilo que ela me dita, terei que ser sempre fiel.



“Não me sinto preso a uma corrente musical propriamente dita. Gosto de variar conforme a minha consciência e acima de tudo o que a minha alma me dita porque aquilo que ela me dita, terei que ser sempre fiel”

O confinamento permitiu então elaborar este projecto. E porquê a designação: “Em Busca do Sol?”

LAB - A pandemia deu possibilidade de ter mais algum tempo livre, de escrever músicas e consequentemente mais algum tempo para reflectir neste mundo tão agitado. O nome do álbum vem da necessidade de todos termos luz dentro de nós. Este sol pode ser o astro que nos ilumina, bem como pode ser o sol espiritual que tanto necessitamos, em especial neste momento.

Conta com a colaboração de vários artistas neste novo álbum.

LAB - Este álbum foi feito com a colaboração de diversos músicos que ao longo dos anos me têm apoiado e acompanhado, quer nos meus concertos quer em trabalhos de estúdio. E também com o meu produtor de estúdio, o Eduardo Botelho que tem sido o meu braço direito, juntamente com a agência Ninemedia, que me produz e faz o meu agenciamento.

Além desses músicos, que são vários, achei por bem convidar duas vezes femi-

ninas porque gosto muito de ter temas partilhados com vozes femininas: Cacau Cruz, uma cantora brasileira que vive na ilha Terceira e que faz parte de um projecto intitulado Bossa Quintet, que aceitou desde logo, com muito agrado o meu convite, o que me deixou feliz. Gravou em partilha comigo o tema “Labirinto”. A outra convidada, uma voz que muito aprecio, foi a Marisa Oliveira, vocalista da banda The Code, que achei por bem a ter no tema “Em Busca do Sol”, que dá o nome genérico ao álbum. Vi que era um tema em que a voz dela se enquadrava através do seu timbre e da sua competência. Foram duas convidadas de honra que me deixaram muito feliz.

A cultura foi um dos sectores mais afectados pela pandemia, uma situação muito visível na região...

LAB - Vejo com grande preocupação e grande tristeza. Tenho conhecimento de amigos músicos que estão a passar mal. Custa-me muito admitir que quem produz cultura - músicos, pintores, agentes culturais - tenha chegado à necessidade de implorar apoios para sobreviver, apoios complicados que teimam e demoram a chegar. Vejo a situação com preocupação, mas acredito que tudo isso pode ter um horizonte, não sei se próximo ou distante, mas um horizonte mais optimista e que tudo isso possa melhorar a fim de nós [criadores] termos a possibilidade de expandir a nossa atividade.

Algo que tem acontecido com muita frequência são as críticas por parte da opinião pública relativamente à realização de concertos em tempos de pandemia, mesmo quando a situação está mais favorável. Como vê isto?

LAB - Felizmente vivemos num país livre e há que respeitar as opiniões que são diversas. O que eu penso é que em primeiro lugar está a sobrevivência humana, a nossa saúde. Portanto, embora nos custe muito ver espaços culturais fechados, eu pessoalmente admito que de certo modo estejam fechados a bem da nossa saúde. Mas também sou forçado a admitir que podem haver algumas excepções, como já houve, e espero que torne a acontecer, que alguns espaços possam abrir com as medidas de segurança decretadas pela lei